

CRISE. Economista não vê sinais de mudança nos próximos meses

Sine tem 80 mil pessoas à procura de trabalho

Cresce número de pessoas que dão entrada no seguro desemprego

MARCELO AMORIM
REPÓRTER

Nos cadastros do Sistema Nacional de Empregos (Sine) em Alagoas, órgão que interliga informações nas esferas federal, municipal e estadual, aproximadamente 80 mil pessoas estavam cadastradas no último mês à procura de trabalho formal no Estado. No posto do sistema, no bairro de Jaraguá, em Maceió, e ligado ao governo do Estado, a média diária de trabalhadores que vão dar entrada no seguro-desemprego chega a 100 pessoas, nos primeiros dias da semana.

No dia 15 deste mês, o dia de menor movimentação no local, apenas no horário da manhã, 14 trabalhadores haviam dado entrada com a documentação, para receber o benefício, conforme atesta a gerente de intermediação, Jaqueline Gonzaga. Outras 26 pessoas fizeram cadastro à procura de vagas de trabalho.

A intensidade da crise é tamanha que as regras estabelecidas pelo governo federal, para quem for solicitar o seguro pela segunda vez, deixou de ser cumprida por falta de recursos. Pela lei, o desempregado seria obrigado a participar de curso de requalificação por meio do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (Pronatec), mas nenhuma atividade estava em oferta,



Diariamente, centenas de pessoas vão ao Sine para se cadastrar ou dar entrada no seguro desemprego



LUCIANA CAETANO
ECONOMISTA

"É preciso que o governo deixe claro a estratégia de investimentos, para que o setor produtivo consiga se adequar... De imediato eu não consigo ver movimento que altere a situação"

conforme a gerente.

"O Pronatec está suspenso pelo governo federal por falta de recursos", informa. Mas independente desta desvirtuação e falta de cumprimento pelo

próprio governo, pelo menos por enquanto a liberação do seguro permanece normalizada. Basta o trabalhador desempregado procurar um dos postos do Sine no Estado ou diretamente na representação do Ministério do Trabalho, conforme comunica Jaqueline Gonzaga.

"Entre os meses de março e abril cresce o número de trabalhadores que perdem o emprego, devido também à sazonalidade das vagas na monocultura da cana-de-açúcar", destaca a gerente de intermediação do Sine.

EFEITO COLATERAL

Para a economista e professora da Universidade Federal de Alagoas, Lu-

ciana Caetano, a elevação na taxa de desemprego no Brasil e em Alagoas acontece como efeito colateral em função da queda na economia. Para ela, ainda não há sinais de que o atual quadro deve mudar pelos próximos seis meses.

Devido à dificuldade de reinserção no mercado de trabalho, principalmente para os trabalhadores com menor qualificação, a economista considera que o caminho acaba sendo o da informalidade e até mesmo a dependência de apoio econômico de familiares e amigos como compensação às perdas.

"Especialmente nos estados mais pobres, caso de Alagoas, a renda média do trabalhador é mais baixa e a situação se agrava do ponto de vista social e econômico. Estes fatores, no sentido macroeconômico, também influenciam diretamente no consumo e, por consequência, nas vendas no comércio, por exemplo. O resultado pode ser mais demissões", avalia Luciana Caetano. Ela destaca, entretanto, que o desemprego é efeito e não causa do problema. "O desemprego é fato e as pessoas precisam lidar com essa realidade", alerta.

Como saída de forma individual, a economista sugere a abertura do próprio negócio, para as pessoas que se reconhecem como empreendedores. Num aspecto macroeconômico, Luciana Caetano considera que é preciso que o governo federal, e por consequência o estadual e municipal, apresentem sinalização positiva para a retomada do crescimento, a partir da definição de novos investimentos em áreas, por exemplo, como a da construção civil.

"É preciso que o governo deixe claro a estratégia de investimentos, para que o setor produtivo consiga se adequar. A atual posição política tem gerado incertezas e incapacidade do governo para gerar gastos. De imediato eu não consigo ver movimento que altere a situação. O governo precisa investir, definir ações à geração de um ambiente dinâmico na economia para a geração de emprego e renda. A economia anda à reboque da política e o capital privado não se arrisca em um ambiente como o atual", reforça a economista. ●



PERSONAGENS E SUAS HISTÓRIAS



WAGNER SILVA
promotor de vendas

Wagner Silva trabalha há dois anos como promotor de vendas, também numa empresa que fornece cartões de crédito. Com ensino fundamental completo, ele sabe que ser funcionário na iniciativa privada e diante da atual crise financeira que atinge principalmente o comércio, perder o emprego é questão de um dia para o outro. Como saída para esta constante insegurança, ele diz que pretende seguir com os estudos e tentar passar no concurso público, que, para o promotor de vendas, é sinônimo de estabilidade.

"Como perdi a visão de um olho, estou no emprego em vaga de portador de deficiência física. Aqui, todos sabem que, se não cumprir a meta de vendas estabelecida pela empresa, está na rua. Trabalhamos o tempo todo sob o medo da demissão e isso nos afeta psicologicamente. Eu não me sinto seguro", avalia.



ARNALDO JOAQUIM DE LIMA
locutor

Apesar de trabalhar como prestador de serviço, ou seja, não contar com a carteira assinada pelo empregador, Arnaldo Joaquim sabe que a situação está difícil para todos. Casado e pai de duas mulheres, ele mora na Chá da Jaqueira, na periferia de Maceió. Ao presenciar constantemente o fechamento de lojas no centro da cidade, ele se diz sem otimismo de que a situação vá melhorar e com isso passa o dia enfrentando a angústia de quem não sabe o que vem pela frente. Na porta da loja onde prestava serviço, ela lamentava no microfone a triste realidade que presenciava a cada dia.

"Mais uma loja fechando as portas no comércio de Maceió. É a reta final, não tem outra alternativa. Todo mundo vive com medo de perder o emprego. A roubalheira e a corrupção estão muito grande e vai demorar para esta situação melhorar. Diante da atual situação política, tenho medo até de ter uma guerra civil", considera.